

## “Vale Tudo” para sentir prazer? Erotismo e sexualidade feminina na telenovela

“Vale tudo” for pleasure? Eroticism and female sexuality in the telenovela

Loredana Cavalcante Anselmo<sup>1</sup>

João Paulo Roberti Junior<sup>2</sup>

**Resumo:** Este estudo analisa como normas de gênero operam como dispositivos de controle do prazer sexual feminino a partir da telenovela Vale Tudo (2025). Trata-se de uma pesquisa qualitativa e exploratória que articula a netnografia observacional não participante à análise de discurso para examinar comentários publicados nas redes sociais sobre as personagens femininas da obra. Os resultados indicam a persistência de discursos que associam o prazer feminino à culpa, descontrole e transgressão, ao mesmo tempo em que emergem resistências que o afirmam como direito. Conclui-se que através das redes sociais a telenovela reforça e tensiona as normas de gênero, evidenciando que o imaginário sobre o erotismo feminino ainda se estrutura em ambiguidades entre transgressão, controle e emancipação.

**Palavras-chave:** Gênero; Sexualidade; Prazer; Mídia.

**Abstract:** This study analyzes how gender norms operate as dispositifs of control over female sexual pleasure through the telenovela Vale Tudo (2025). It is a qualitative and exploratory study that combines non-participant observational netnography with discourse analysis to examine public comments posted on social media about the female characters in the telenovela. The findings indicate the persistence of discourses that associate female sexual pleasure with guilt, lack of self-control, and transgression, while also revealing emerging forms of resistance that affirm pleasure as a right. It is concluded that, through social media interactions, the telenovela both reinforces and challenges gender norms, demonstrating that the social imaginary surrounding female eroticism continues to be structured by ambiguities between transgression, control, and emancipation.

**Keywords:** Gender; Sexuality; Pleasure; Media.

### Introdução

Nas últimas décadas, as discussões sobre sexualidade têm ocupado lugar central nos debates acadêmicos e sociais, especialmente no que se refere às formas pelas quais os corpos, os desejos e os modos de vida são regulados por normas culturais e relações de poder. Longe de se restringir ao biológico, a sexualidade constitui-se como um campo atravessado por disputas morais e políticas que definem o que é legítimo, desejável ou desviante. No caso das mulheres, essas experiências são fortemente moldadas por normas de gênero (Passos; Souza, 2021), que regulam o corpo e o prazer feminino, historicamente reforçadas por discursos sociais, educacionais, religiosos e midiáticos que produzem uma sexualidade passiva e frequentemente silenciada (Jorge, 2021).

<sup>1</sup> Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Roraima (UFRR), Brasil. E-mail: loredanacavalcanteanselmo@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-6898-0179>

<sup>2</sup> Doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil. Professor do curso de Psicologia da Universidade Federal de Roraima (UFRR). E-mail: joaoroberti@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1489-5330>

Nesse contexto, o erotismo feminino foi marginalizado e associado à culpa, ao pecado e à submissão (Gregori, 2003). O corpo da mulher foi sistematicamente objetificado e instrumentalizado, muitas vezes reduzido à função reprodutiva ou à satisfação masculina, em detrimento de sua autonomia sexual. Mesmo em contextos contemporâneos, marcados por avanços legais e discursivos, persistem tabus e estigmas em torno do prazer feminino, sobretudo quando este é experienciado de forma autônoma, desvinculada de relações heteronormativas.

É a partir dessa configuração histórica que se torna possível compreender, em termos teóricos, que a sexualidade não é apenas reprimida, mas produzida por meio de discursos que regulam corpos e desejos, conforme argumenta Michel Foucault (1976; 2020). Nessa perspectiva, constituem-se regimes de verdade que classificam, hierarquizam e normalizam práticas sexuais. É no interior desses processos discursivos que se inscrevem as representações midiáticas, tornando-se fundamental compreender seu papel na manutenção e na contestação dessas normas (Silva, 2013). No contexto brasileiro, as telenovelas ocupam lugar central na formação do imaginário social, atuando não apenas como produtos de entretenimento, mas como dispositivos de produção e circulação de valores e modos de vida (Ronsini; Silva, 2011). Ao difundir modelos de feminilidade, corpo e desejo, essas narrativas funcionam como pedagogias culturais que tanto reforçam quanto tensionam normas de gênero.

Nesse cenário, a análise de produtos midiáticos específicos torna-se fundamental para compreender como tais normas são (re)produzidas e disputadas no cotidiano social. É nesse contexto que se insere a telenovela *Vale Tudo*, em sua versão original e no remake de 2025, como objeto privilegiado de análise. Exibida originalmente em 1988, *Vale Tudo* tornou-se uma das produções mais emblemáticas da teledramaturgia brasileira ao abordar temas como corrupção, moralidade e mobilidade social. O remake lançado em 2025 atualiza essas discussões para um contexto marcado pela intensa circulação de debates nas redes sociais, ampliando as possibilidades de observar a recepção pública das representações sobre gênero e sexualidade.

Ao representar personagens femininas que vivenciam o prazer de formas distintas e, por vezes, contraditórias, a obra evidencia disputas simbólicas em torno do erotismo feminino e da autonomia sexual das mulheres, ao mesmo tempo em que contribui para a construção e circulação de sentidos sobre essas experiências. Considerando a centralidade da telenovela como narrativa ficcional seriada (Lopes, 2004) que contribuir para a formação do imaginário social brasileiro (Maia; 2007), torna-se relevante investigar de que modo tais representações participam da produção e da regulação do prazer feminino.

Este artigo, portanto, analisa como as normas de gênero operam na construção e regulação do prazer sexual feminino nos discursos associados à telenovela Vale Tudo. Parte-se da premissa de que o prazer não é apenas uma experiência individual, mas um fenômeno socialmente construído, atravessado por discursos que regulam quem pode senti-lo e em que condições. Assim, busca-se evidenciar os efeitos dessas normas sobre a autonomia das mulheres e problematizar os limites impostos ao seu direito de viver a própria sexualidade

### **Sexualidade, erotismo e dispositivos de poder na produção do prazer feminino**

A sexualidade, longe de se restringir ao biológico, constitui-se como um campo historicamente produzido e atravessado por relações de poder que regulam corpos, desejos e formas legítimas de prazer. Nessa perspectiva, conforme argumenta Michel Foucault (1976; 2020), a sexualidade não é apenas reprimida, mas produzida por discursos que instituem regimes de verdade, classificando e normalizando práticas sexuais. O dispositivo da sexualidade opera, assim, como estratégia de controle e gestão da vida, atuando na regulação dos corpos e na produção de subjetividades (Cassal; Garcia; Bicalho, 2011).

Esse processo implica reconhecer que o prazer não é apenas experimentado individualmente, mas socialmente produzido e desigualmente distribuído, atravessado por normas que regulam quem pode desejar e em que condições. Nesse contexto, a sexualidade feminina foi situada sob maior vigilância, marcada por discursos que associam o corpo da mulher à moralidade e ao controle do desejo. No campo dos estudos de gênero, Simone de Beauvoir (1967; 1970) demonstra como a mulher é construída como “Outro”, definida a partir do homem, o que a associa à passividade e à dependência, inclusive na esfera sexual. Assim, o corpo feminino tem sido alvo de regulação intensa, simultaneamente erotizado e controlado (Del Priore, 2004).

No que se refere ao erotismo, Georges Bataille (1987) o compreende como uma experiência que ultrapassa o biológico, constituindo-se como espaço de transgressão dos interditos sociais. O erotismo, nesse sentido, está entre proibição e desejo, sendo o prazer inseparável da consciência do interdito (Ibid., 1987). No entanto, sua abordagem revela limites quando confrontada com os estudos de gênero, ao reproduzir assimetrias que posicionam a mulher em lugar de passividade no campo do desejo. Ao associar o feminino à dissolução e à receptividade, Bataille acaba por reiterar uma lógica que subordina a experiência erótica da mulher à ação masculina, evidenciando a necessidade de articular o conceito de erotismo às relações de poder e às normas de gênero que estruturam a sexualidade.

Ademais, as análises foucaultianas acerca da libidinização do sexo permitem aprofundar a compreensão dos mecanismos que atravessam a produção da subjetividade feminina (Foucault, 2006). Foucault (2006; 2020) discute a constituição de um regime de verdade sobre o sexo, especialmente no contexto do cristianismo, desloca o prazer para o campo da vigilância moral, produzindo uma subjetividade marcada pela interiorização do desejo como objeto de controle. Nesse processo, o sexo deixa de ser apenas um ato para se tornar um problema da “alma”, exigindo constante confissão, regulação e justificação. A mulher, nesse cenário, é frequentemente posicionada como fonte de tentação e desvio, o que contribui para a construção de uma experiência sexual atravessada por culpa, vergonha e autocontrole.

### ***Representações midiáticas e a telenovela como arena de disputa do erotismo feminino***

As representações midiáticas ocupam um papel central na produção e circulação de sentidos sobre gênero, corpo e sexualidade, configurando-se como instâncias privilegiadas de mediação entre estruturas sociais e experiências cotidianas. Longe de operarem como meros reflexos da realidade, os produtos midiáticos participam ativamente da construção do imaginário social, contribuindo para a naturalização, a negociação e, por vezes, a contestação de normas e valores que organizam a vida social. Nesse sentido, compreender a sexualidade feminina implica também analisar os modos pelos quais ela é representada, narrada e disputada nos meios de comunicação.

No contexto brasileiro, as telenovelas se destacam como um dos principais dispositivos de produção social, dada sua ampla circulação e capacidade de alcançar diferentes segmentos sociais. Conforme argumentam Lopes, Borelli e Resende (2002), a telenovela constitui-se como uma forma narrativa que articula elementos da vida cotidiana à ficção, operando como espaço de negociação de sentidos e de construção de identidades sociais. Ao incorporar temas contemporâneos e dilemas sociais, essas narrativas funcionam como pedagogias culturais que orientam modos de ser, sentir e desejar, contribuindo para a normatização dos afetos e comportamentos.

Essa perspectiva é aprofundada por Baccega (2005; 2022), ao compreender a telenovela não como forma de consumo passivo, mas como uma arena de disputa, na qual diferentes discursos sociais são (re)produzidos, tensionados e ressignificados. Do ponto de vista da estrutura narrativa, como destacam Castro e Baccega (2022), a telenovela caracteriza-se por sua serialidade e por sua capacidade de atualização constante, acompanhando transformações sociais e incorporando novas temáticas. Essa transformação amplia o potencial da telenovela

como espaço de problematização social, sem que deixe de operar também como mecanismo de reprodução de normas e valores. Como apontam Rocha, Niederauer e Farias (2009), os discursos midiáticos não apenas refletem valores sociais, mas também os produzem e os ressignificam, contribuindo para a consolidação de imagens e expectativas sobre o feminino que são incorporadas pelos sujeitos em suas práticas cotidianas.

Conforme destaca Baccega (2022), a estrutura melodramática a telenovela, combina tradição e transgressão, conservando valores ao mesmo tempo em que os tensiona. Esse duplo movimento a configura como espaço de negociação, no qual o erotismo feminino é regulado, problematizado e ressignificado. Nesse cenário, analisar o erotismo feminino implica reconhecer a mídia como campo estratégico na produção e regulação da sexualidade. Ao mesmo tempo que reproduzem normas de gênero, essas narrativas também abrem espaço para contestação, configurando arenas de disputa entre controle, resistência e transformação. É nesse entrecruzamento entre mídia, gênero e poder que se insere a presente análise

### **Percurso Metodológico**

Este estudo insere-se no campo qualitativo, com abordagem exploratória, buscando compreender como normas de gênero atravessam as representações do prazer sexual feminino a partir da recepção de conteúdos midiáticos. Parte-se do entendimento de que a mídia não apenas reproduz valores culturais, mas também os (re)significa e os disputa em um campo simbólico, configurando-se como espaço de mediação social (Baccega, 2005).

Como estratégia metodológica, adotou-se a netnografia, uma vertente da etnografia adaptada aos contextos digitais, conforme proposta por Robert Kozinets (2014). Essa abordagem permite investigar práticas culturais, interações e produções de sentido em ambientes online, compreendendo as redes digitais como espaços legítimos de sociabilidade, nos quais sujeitos compartilham experiências, afetos e posicionamentos socialmente situados. A netnografia possibilita, assim, acompanhar a recepção de produtos midiáticos em tempo real, observando como os públicos interpretam, negociam e tensionam os sentidos das narrativas em circulação.

Considerando os objetivos desta investigação, adotou-se uma modalidade observacional não participante da netnografia. Conforme Kozinets (2014), embora a netnografia possa envolver diferentes níveis de interação com as comunidades digitais, estudos centrados na análise de discursos públicos também podem privilegiar a observação sistemática dos conteúdos produzidos espontaneamente pelos usuários quando essa estratégia se mostra mais

adequada ao problema investigado. Assim, optou-se por não estabelecer interação direta com os participantes, preservando a dinâmica natural das discussões e evitando interferências na produção discursiva. Reconhece-se, entretanto, que essa escolha limita o acesso às motivações individuais dos usuários, restringindo a análise aos sentidos produzidos publicamente nas interações.

A escolha da telenovela *Vale Tudo* (2025) como corpus de análise fundamenta-se em sua relevância sociocultural e em seu potencial de mobilizar debates públicos sobre gênero, moralidade e sexualidade. Foram consideradas, para fins analíticos, interações relacionadas a personagens femininas centrais da narrativa, entendidas como dispositivos de condensação simbólica de diferentes formas de representação do prazer feminino. A coleta de dados foi realizada entre janeiro e fevereiro de 2025, a partir de comentários públicos em postagens dos perfis oficiais da TV Globo e do Gshow nas plataformas Instagram, TikTok e Facebook.

A escolha dessas plataformas decorreu não apenas de sua elevada circulação de conteúdos sobre a telenovela, mas também de suas diferentes arquiteturas comunicacionais. Enquanto o TikTok favorece conteúdos audiovisuais curtos e interações marcadas pelo humor, tendências e viralização, o Instagram privilegia a circulação de imagens e comentários associados à estética e ao engajamento visual, ao passo que o Facebook mantém maior incidência de comentários textuais extensos e debates entre usuários, possibilitando observar distintas formas de recepção da narrativa.

A constituição do corpus ocorreu de forma progressiva durante o período de coleta. Foram selecionadas publicações oficiais relacionadas às personagens centrais da narrativa que mobilizavam discussões sobre sexualidade e prazer feminino. Após a leitura integral dos comentários, foram excluídas interações repetidas, respostas automáticas, comentários exclusivamente compostos por emojis ou sem relação com o objeto da pesquisa. O corpus final foi constituído por comentários que apresentavam potencial analítico para compreender os sentidos atribuídos ao prazer feminino, sendo sua delimitação orientada pelo critério de saturação teórica, isto é, quando novas interações passaram a reproduzir regularidades discursivas já identificadas.

Em razão do elevado volume de comentários publicados nas redes sociais, não se buscou realizar uma análise exaustiva de todas as interações disponíveis. O corpus foi constituído mediante amostragem intencional, selecionando-se comentários que apresentavam relação direta com as cenas analisadas e que evidenciavam disputas discursivas sobre prazer,

sexualidade e normas de gênero. Comentários idênticos, repetidos ou desvinculados do objeto da pesquisa foram desconsiderados.

Foram analisados os comentários diretamente vinculados às publicações originais (posts), não sendo incluídas interações derivadas de compartilhamentos ou republicações, de modo a garantir maior controle sobre as condições de produção dos discursos. A seleção do material considerou postagens relacionadas às personagens e cenas que mobilizam discussões sobre sexualidade e prazer feminino, utilizando hashtags específicas (como #HeleninhaRoitman, #Leila, #MariadeFátima e #OdeteRoitman) e priorizando comentários com maior engajamento (curtidas e respostas), conforme estratégia inspirada em Araújo; Travieso-Rodriguez e Santos (2017).

Os comentários foram organizados em categorias analíticas construídas a partir do referencial teórico e do contato com o corpus, contemplando, entre outras, dimensões como tabus, estereótipos de gênero, moralidade, autonomia do corpo e formas de resistência discursiva. Tais categorias funcionaram como operadores iniciais de análise, sem caráter rígido, permitindo a identificação de regularidades e deslocamentos nos sentidos produzidos pelos sujeitos. As categorias analíticas utilizadas na codificação dos comentários são apresentadas na Tabela 1.

**Tabela 1** – Categorias analíticas para codificação dos comentários

| <b>Categoria</b>              | <b>Subcategorias</b>              | <b>Descrição analítica</b>                                                                     |
|-------------------------------|-----------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Tabus                         | Vergonha; Pecado; Desvio          | Discursos que associam o prazer feminino à imoralidade, erro ou inadequação social.            |
| Estereótipos de gênero        | Mulher de respeito                | Enunciados que reforçam papéis tradicionais, distinguindo mulheres “adequadas” e “desviantes”. |
| Autonomia e controle do corpo | Liberdade; Escolha; Empoderamento | Discursos que reconhecem ou legitimam a autonomia feminina sobre o próprio corpo e o prazer.   |
| Moralidade e culpa            | Julgamento; Punição               | Comentários que vinculam o prazer feminino a sanções morais, culpa ou punição simbólica.       |
| Resistência                   | Feminismo; Libertação             | Discursos que contestam normas de gênero e afirmam o prazer como direito.                      |
| Humor e ironia                | Memes; Sarcasmo                   | Enunciados que mobilizam humor para comentar ou tensionar o prazer feminino.                   |

**Fonte:** Elaborado pelos autores (2025)

Conforme a perspectiva da Análise de Discurso de linha francesa, tais categorias não operam como classificações fixas, mas como dispositivos analíticos abertos, sensíveis às condições de produção e aos deslocamentos de sentido presentes no corpus (Orlandi, 2012). A



análise dos dados foi orientada pela Análise de Discurso de linha francesa, conforme desenvolvida por Michel Pêcheux e difundida no Brasil por Eni Orlandi (2012). Nessa perspectiva, o discurso é compreendido como prática social atravessada pela ideologia e pela história, sendo os sentidos produzidos a partir das condições de produção, das formações discursivas e das relações de poder que estruturam o dizer (Orlandi, 2012; Pêcheux, 1995). Assim, a análise considerou: (a) as condições de produção dos comentários, relacionadas ao contexto midiático e sociocultural; (b) as formações discursivas que delimitam os sentidos possíveis sobre o prazer feminino; e (c) os efeitos de sentido produzidos nas interações digitais.

A articulação entre netnografia e Análise de Discurso permitiu compreender as redes sociais como espaços de disputa, nos quais os discursos não apenas circulam, mas são constantemente tensionados, reafirmados ou deslocados. Dessa forma, a investigação buscou evidenciar como os sentidos atribuídos ao prazer sexual feminino são produzidos, regulados e contestados no contexto das interações digitais contemporâneas. Cabe ressaltar que os dados foram coletados em ambientes públicos, sem identificação direta dos participantes, sendo garantido o anonimato dos usuários e o uso das informações exclusivamente para fins acadêmicos.

### **A sexualidade feminina em Vale Tudo: incursões netnográficas iniciais**

A análise do corpus netnográfico, formado por comentários em publicações do Instagram, TikTok e Facebook dos perfis oficiais da TV Globo e do Gshow, evidencia essas redes como arenas discursivas onde sentidos sobre o prazer feminino são produzidos, negociados e tensionados. Foram selecionadas publicações com maior engajamento, privilegiando interações em torno da sexualidade feminina. Ressalta-se que não foi possível identificar sexo, idade ou identidade de gênero dos autores dos comentários, razão pela qual as análises referem-se aos discursos produzidos e não às características dos sujeitos que os enunciaram.

A constituição do corpus foi registrada em diário de campo netnográfico. Ao todo, foram analisadas 18 postagens relacionadas às personagens Odete Roitman, Heleninha Roitman, Leila e Maria de Fátima, publicadas nos perfis oficiais da TV Globo e do Gshow no TikTok, Instagram e Facebook. Durante a coleta foram produzidos 112 registros (capturas de tela) dos comentários considerados relevantes para a análise discursiva, permitindo documentar sistematicamente cada cena, a plataforma de origem e os discursos mobilizados pelos usuários. O estudo não realizou contagem censitária do total de comentários publicados em cada



postagem, razão pela qual o corpus foi definido qualitativamente, conforme os princípios da análise netnográfica.

**Tabela 2** – Caracterização do corpus empírico

| Plataforma   | Número de cenas/postagens | Número de registros (prints) |
|--------------|---------------------------|------------------------------|
| TikTok       | 10                        | 71                           |
| Instagram    | 5                         | 25                           |
| Facebook     | 3                         | 16                           |
| <b>Total</b> | <b>18</b>                 | <b>112</b>                   |

**Fonte:** Elaborado pelos autores (2026)

Os conteúdos de maior circulação concentraram-se em quatro personagens centrais, Heleninha Roitman, Leila, Maria de Fátima e Odete Roitman, que se tornaram foco analítico por mobilizarem diferentes representações do prazer feminino e intensas reações do público. O corpus reúne comentários públicos associados a postagens oficiais que expressam posicionamentos sobre comportamento, corpo e sexualidade das personagens. O que foi possível perceber de antemão é que nesses ambientes, a recepção da telenovela não se limita à apreciação da narrativa ficcional, mas se articula a debates mais amplos sobre gênero, moralidade e sexualidade, revelando a centralidade da mídia na circulação e disputa de normas e valores sociais. Enquanto no TikTok predominam enunciados breves, marcados por humor, ironia e linguagem audiovisual, o Facebook favorece comentários mais extensos e moralizantes, sugerindo que as próprias arquiteturas das plataformas influenciam os modos de circulação dos discursos sobre sexualidade feminina.

Para ilustrar essas regularidades, ao longo da análise são apresentados excertos representativos dos comentários coletados, preservando-se o anonimato dos participantes. Durante a coleta, foram preservadas nas capturas de tela as informações temporais disponibilizadas pelas plataformas (datas ou período de publicação dos comentários), permitindo contextualizar cronologicamente os discursos analisados e conferir maior transparência ao processo de constituição do corpus.

Optamos pela organização da análise por personagens em decorrência da própria dinâmica observada no campo empírico. Durante a coleta, verificou-se que os posts, comentários, recortes de cenas e interações nas redes sociais tendem a se estruturar em torno das personagens centrais da narrativa, que funcionam como eixos de condensação dos sentidos atribuídos ao prazer feminino. Dessa forma, a divisão analítica adotada não responde apenas a

uma escolha expositiva, mas reflete a maneira como a plataforma e o público organiza, interpreta e debate a sexualidade feminina no contexto da telenovela.

### *Heleninha Roitman: o discurso do prazer feminino como desordem moral*

Heleninha Roitman é representada como mulher branca pertencente à elite econômica, cuja posição social lhe confere determinados privilégios, mas não elimina os mecanismos de vigilância moral sobre sua sexualidade. A personagem condensa um dos regimes discursivos mais recorrentes na representação da sexualidade feminina: a associação entre desejo, descontrole e desordem moral. Sua construção narrativa na novela, foi marcada por impulsividade, instabilidade emocional e vulnerabilidade, tal construção não opera apenas no nível psicológico, mas como efeito de um campo discursivo que historicamente vincula o prazer feminino à desrazão e ao perigo.

Os comentários apontam para a circulação de discursos moralizantes em torno das cenas protagonizadas pela personagem. Entre os enunciados mais recorrentes, destacam-se qualificações como “intensa”, “sem noção”, “fora de controle” e formulações que sugerem que a personagem “se joga” sobre o outro. Tais declarações operam como práticas discursivas que reiteram normas de gênero.

**Figura 1** – Comentários com mais curtidas no Tiktok e no Facebook respectivamente



Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

Nessa lógica, o desejo feminino é enquadrado como excesso, sendo considerado legítimo apenas quando mediado por contenção e moderação. Essa dinâmica dialoga com a análise de Simone de Beauvoir (1970), para quem a mulher é historicamente constituída como “Outro”, tendo sua autonomia constantemente colocada sob suspeita.

No caso de Heleninha, as nomeações que a classificam como “louca” ou “descontrolada” não descrevem um comportamento, mas reinscrevem uma posição de sujeito marcada pela deslegitimação do desejo feminino. Ao tentar afirmar-se como agente de sua própria sexualidade, a personagem tensiona os limites dessa estrutura, sendo, em resposta, discursivamente corrigida.

A partir de Michel Foucault (1976; 2020), é possível compreender tais enunciados como parte de uma rede de saber-poder que regula os corpos e produz efeitos disciplinares. Os comentários funcionam como extensões desses dispositivos, ao patologizar ou ridicularizar o comportamento da personagem, reiterando o ideal da mulher equilibrada, racional e emocionalmente contida. Nesse sentido, o prazer feminino aparece não como potência, mas como sintoma e como algo que deve ser explicado, controlado ou normalizado.

Essa leitura é aprofundada pelas contribuições de Judith Butler (2014), ao compreender o gênero como efeito de práticas reiteradas. A performance de Heleninha, marcada por intensidade e descontrole, rompe a repetição normativa da feminilidade, produzindo uma falha na inteligibilidade do gênero. É essa ruptura que desencadeia a punição discursiva, evidenciada nos comentários que a classificam como inadequada ou autodestrutiva.

A recorrente associação entre prazer feminino e descontrole revela no material analisado, a persistência de uma matriz discursiva que produz a mulher desejante como ameaça à ordem moral. Tal configuração retoma o que Michel Foucault (1976) descreve como tecnologias de controle dos corpos, nas quais a sexualidade feminina é submetida à vigilância para não ameaçar a ordem racional e moral. Nos discursos analisados, essa dinâmica se materializa em classificações que a posicionam como “perdida”, “instável” ou “sem dignidade”.

Nos termos de Butler (2014), os limites da inteligibilidade normativa: certas formas de desejo são reconhecidas e celebradas, enquanto outras são imediatamente desqualificadas. Nesse sentido, Heleninha funciona como um dispositivo ficcional que condensa os modos pelos quais a cultura produz a mulher desejante como problema social. A análise dos comentários demonstra que o público não apenas reconhece esse lugar, mas o reinscreve, reiterando enunciados disciplinadores. O prazer feminino, assim, aparece novamente como desordem que exige contenção, reafirmando a centralidade das normas de gênero na regulação da sexualidade.

### ***Leila: o discurso do prazer feminino entre a liberdade e a transgressão moral***

A trajetória de Leila, que ocupa uma posição intermediária de classe, evidencia um regime discursivo distinto daquele observado em outras personagens: o prazer feminino aparece

simultaneamente como possibilidade de autonomia e como objeto de regulação moral. Sua narrativa na novela é marcada pela descoberta tardia do orgasmo após anos de casamento, isso mobiliza reações intensas nas redes sociais, revelando tensões entre reconhecimento e julgamento do desejo feminino.

Nos comentários coletados no TikTok, observa-se forte identificação por parte das usuárias, que interpretam a vivência da personagem como experiência compartilhada. Enunciados como “isso é muito real”, “tem muita mulher que nunca sentiu isso” ou “finalmente alguém falou disso” indicam a emergência de um discurso de reconhecimento do prazer como dimensão legítima da subjetividade feminina. Em alguns casos, o comentário assume caráter confessional, como em “demorei anos pra entender meu corpo também”, evidenciando como a narrativa ficcional funciona como gatilho para a enunciação de experiências silenciadas.

Esse movimento dialoga com a análise de Simone de Beauvoir (1970), segundo a qual a sexualidade feminina foi historicamente subordinada à vida conjugal e à reprodução. Quando Leila afirma na novela “nunca tinha sentido isso antes”, a cena desestabiliza esse regime, tornando visível um prazer que tradicionalmente permaneceu oculto. Nas redes, tal enunciação é frequentemente recebida como um “finalmente”, indicando uma espécie de reparação de uma experiência historicamente negada. Entretanto, esse reconhecimento não elimina a regulação moral. Nos mesmos espaços, emergem também comentários e expressões como “ela está errada”, “pena que é com esse homem”, “não tem como apoiar esse casal” e “ela merece coisa melhor” evidenciam que o prazer de Leila é avaliado não apenas como experiência corporal, mas como questão moral. Em alguns casos, a tensão é explicitada de forma irônica, como em “meu desvio de caráter é amar esse casal”, indicando a consciência do conflito entre desejo e norma.

Essa ambivalência pode ser compreendida, à luz de Michel Foucault (1976), como efeito de dispositivos de poder que regulam a sexualidade não apenas por proibição, mas por meio da produção de critérios de legitimidade. O público atua, nesse contexto, como instância de julgamento, operando como uma espécie de tribunal moral que define quando, como e com quem o prazer feminino pode ser vivido.

A análise também revela diferenças relevantes entre plataformas. No TikTok, predominam discursos de identificação e compartilhamento de experiências, enquanto no Instagram observa-se maior ênfase na estética da cena e na relação entre os personagens, com comentários como “química perfeita” e “queria viver isso”. Essa variação indica que os sentidos

atribuídos ao prazer feminino são modulados pelos próprios ambientes digitais, evidenciando o caráter situado da recepção.

Do ponto de vista discursivo, a figura de Leila materializa o que Pêcheux (1995) denomina divisão do sujeito: a mulher que deseja é simultaneamente autorizada e interdita. O prazer é celebrado como conquista, mas permanece condicionado a normas que vinculam a sexualidade feminina ao amor, à escolha “correta” do parceiro e à moralidade relacional. Assim, mesmo quando reconhecido, o desejo feminino não se emancipa completamente das estruturas que o regulam. Desse modo, Leila evidencia que o prazer feminino, no contexto midiático contemporâneo, não é simplesmente negado, mas reorganizado em uma lógica ambígua, na qual autonomia e controle coexistem. A análise netnográfica demonstra que o público participa ativamente dessa dinâmica, ora legitimando o prazer como direito, ora reinscrevendo os limites morais que condicionam sua expressão.

### ***Maria de Fátima: desejo e ambição***

A personagem Maria de Fátima, jovem negra oriunda de contexto popular, mobiliza um regime discursivo distinto, no qual o prazer feminino aparece articulado à agência, à ambição e ao poder. Diferentemente de outras figuras da telenovela, sua sexualidade não é apresentada como descoberta afetiva, mas como recurso estratégico, o que intensifica sua exposição à vigilância moral. Essa configuração produz uma forte polarização nos discursos das redes sociais, nos quais a personagem é simultaneamente celebrada e condenada.

Nas diferentes plataformas coletadas, observa-se a coexistência de enunciados antagônicos. De um lado, emergem qualificações como “vulgar”, “perigosa”, “não vale nada” e “mulher assim ninguém respeita”, frequentemente associadas a formulações normativas como “mulher de respeito não faz isso”. Esses enunciados evidenciam a permanência de uma matriz discursiva que associa a sexualidade feminina à moralidade, especialmente quando desvinculada do amor ou da submissão.

Por outro lado, aparecem discursos que reconhecem na personagem uma forma de autonomia, como em “ela é braba”, “inteligente, sabe o que quer”, “errada ela não tá” ou “queria ter essa coragem”. Em alguns casos, a admiração se mistura à ironia, como em “eu julgando, mas querendo ser ela”, evidenciando uma identificação ambivalente. Essa divisão revela que o prazer feminino, quando articulado ao poder, desestabiliza os limites normativos do que é reconhecido como feminilidade legítima.

Essa ambiguidade se intensifica nas cenas de interação com personagens masculinos. Em comentários sobre suas relações, surgem enunciados como “ele também quis”, “ninguém obrigou ele” e “a culpa não é só dela”, indicando deslocamentos discursivos que questionam a responsabilização exclusiva da mulher. No entanto, tais enunciados coexistem com outros que reafirmam a moralização, como “ela destrói tudo por interesse” ou “usa o corpo pra subir na vida”, reforçando a ideia de que o desejo feminino, quando associado à estratégia, é lido como manipulação. Quando Maria de Fátima mobiliza o desejo como instrumento de ação, ela rompe com esse enquadramento, sendo rapidamente reinscrita como desvio. Entretanto, os comentários indicam que o público frequentemente atribui a leitura de “desvio” à própria construção da personagem no remake, percebida como excessiva ou vulgarizada. Nesse sentido, a crítica não se dirige apenas à personagem, mas ao regime de representação que a produz, evidenciando uma recepção que também problematiza a forma como o erotismo feminino é narrado.

**Figura 2:** Comentários críticos à representação de Maria de Fátima Perfil Gshow no Facebook



**Fonte:** Elaborado pelos autores (2025)

Na perspectiva de Judith Butler (2014), essa ruptura configura uma falha na inteligibilidade normativa do gênero. Ao não reproduzir a performance da feminilidade esperada muitas vezes associada à docilidade e ao altruísmo, a personagem também desencadeia mecanismos de correção discursiva, visíveis nas nomeações que a classificam como “fria”, “calculista” ou “sem vergonha”, funcionando como tentativas de reinscrever seu comportamento dentro de limites reconhecíveis. Sob a lente de Michel Foucault (1976), os

comentários podem ser entendidos como práticas de saber-poder em que o prazer feminino é submetido à vigilância e à avaliação moral. O público, nesse contexto, atua como instância reguladora, definindo os limites de legitimidade do desejo.

Ao longo da análise, evidenciaram-se diferenças entre plataformas. No Instagram, predominam comentários que enfatizam a estética e a desejabilidade da personagem, como “ela é linda demais” e “essa mulher é um perigo mesmo”, indicando uma erotização associada à admiração. Já no Facebook, há maior incidência de discursos moralizantes, com enunciados diretos como “não presta” ou “exemplo de mulher que não deve ser”. Essa variação sugere que a interpretação do prazer feminino é modulada pelos ambientes digitais, que agregam diferentes públicos, formas de engajamento e lógicas algorítmicas, produzindo leituras distintas da sexualidade feminina.

Um aspecto relevante diz respeito à racialização da personagem. A maior circulação de cenas erotizadas, associada à menor presença de conteúdos que romantizam suas relações, indica a persistência de um enquadramento que aproxima o corpo feminino negro da sexualização, mais do que da afetividade. Tal dinâmica reforça desigualdades na forma como o desejo é representado e legitimado, evidenciando que as normas de gênero operam de maneira interseccional. Assim, a personagem funciona como um ponto de inflexão discursiva, no qual se tornam visíveis as tensões entre gênero como norma e gênero como resistência. A análise demonstra que, mais do que rejeitar ou aceitar o prazer feminino, o público negocia constantemente seus limites, revelando que a articulação entre desejo, poder e autonomia ainda constitui um dos territórios mais vigiados da experiência feminina.

### ***Odete Roitman: o prazer como poder e transgressão***

Odete Roitman ocupa uma posição singular no conjunto das personagens analisadas: representante da elite tradicional, única personagem cujo erotismo não apenas escapa à moralização, mas é legitimado e celebrado pelo público. Sua sexualidade construída na novela é marcada por autonomia, domínio e ausência de culpa e tal construção desloca o prazer feminino do campo da regulação para o da potência, ainda que de forma condicionada.

Nas interações analisadas no TikTok, predominam enunciados de admiração e identificação. Comentários como “queria ser assim quando crescer”, “minha professora”, “essa mulher é tudo” e “meta de vida” indicam que a personagem é lida como referência de liberdade e autossuficiência. Em cenas em que Odete se envolve com diferentes parceiros, longe de



emergirem julgamentos moralizantes, observa-se aprovação explícita, como em “ela vive como quer” e “não deve nada pra ninguém”.

**Figura 3:** Comentários sobre Odete no Tiktok no perfil da TV Globo

|                                                                                                   |                                                                              |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------|
| OI,CAFÉ DA MANHÃ, KAKAKAKAKA EU TÔ MORRENDO DE RIR, AMO O HUMOR DA ODETE<br>8-7 Responder 249     | A vilã sabe ser feliz 🍷<br>5-6 Responder 455                                 |
| CAFÉ COM MÃE ODETE<br>8-7 Responder 65                                                            | Quero ser assim qnd eu crescer 🤔🤔<br>5-6 Responder 282                       |
| Odete fazendo reparação história<br>8-8 Responder 46                                              | ela sabe viver 🍷<br>5-6 Responder 33                                         |
| Vou aderir: Oi café da manhã. Oi jantar especial - Oi lanchinho da meia noite<br>8-8 Responder 88 | Eu só queria ter esse dinheiro pra isso, não vou mentir 🤔<br>5-7 Responder 9 |
| adoro esse Odete 😊<br>8-8 Responder 8                                                             | É somente eu que está amando está Odete ?<br>5-6 Responder 9                 |
| essa mulher e demais<br>8-7 Responder 7                                                           | Odete virou minha diva 🍷🍷<br>5-8 Responder 1                                 |
| Não consigo odiar a diva 🤔<br>8-7 Responder 8                                                     | Quanta elegância. Amo essa mulher. 🍷🍷<br>5-7 Responder 3                     |
| Odete, professora kkkk<br>8-8 Responder 1                                                         | Ela é terrível kkkk<br>5-7 Responder 4                                       |
|                                                                                                   | Eu Amoo ela kkk minha cara na idade dela<br>5-7 Responder 2                  |
|                                                                                                   | Quem pode...manda 🍷🍷<br>5-7 Responder 3                                      |

**Fonte:** Elaborado pelos autores (2025)

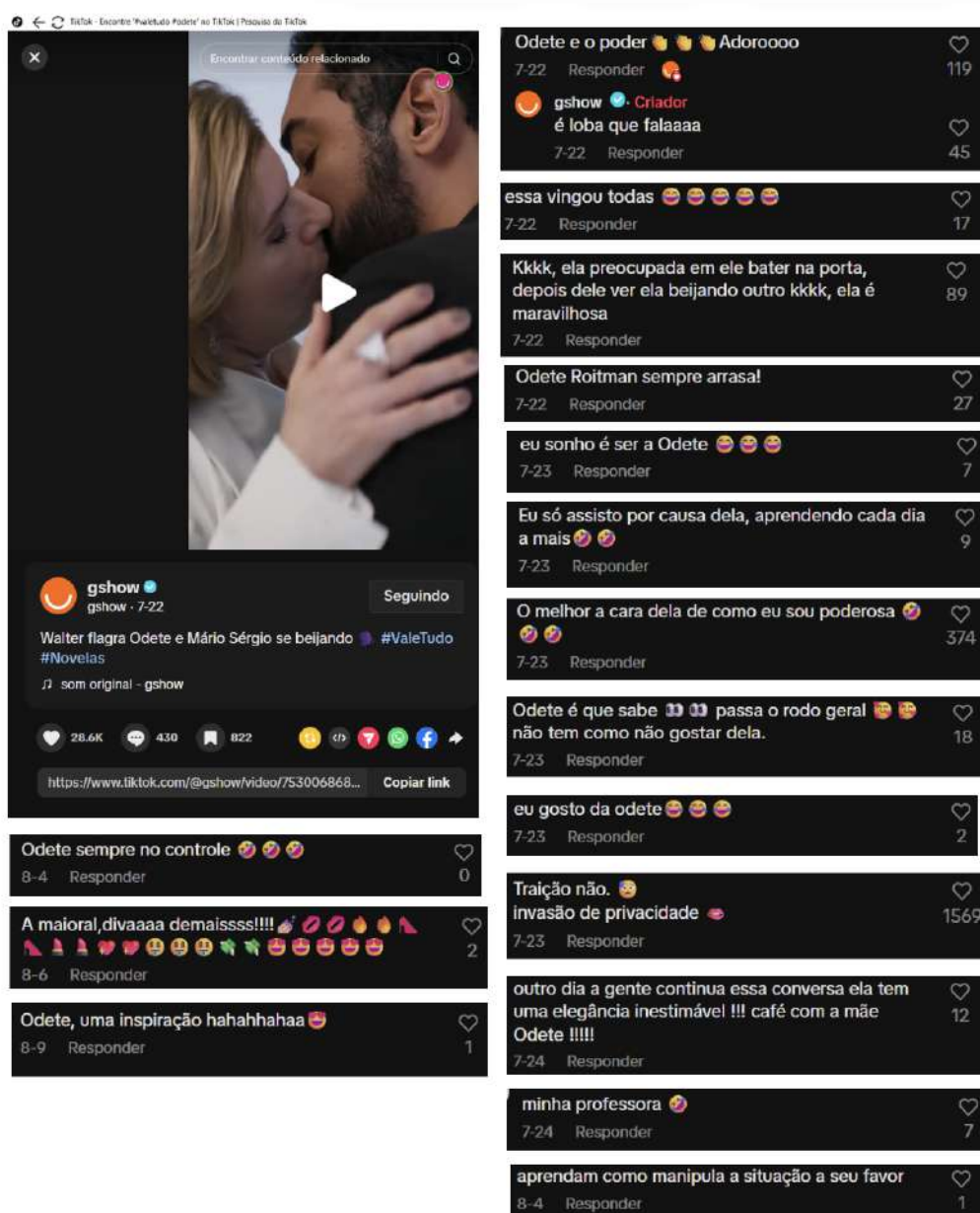
O humor desempenha papel central nessa legitimação. A expressão “oi, café da manhã”, repetida nos comentários e com várias curtidas, aparece acompanhada de marcas de riso (“kkkkk”) e de apropriação, como em “vou usar isso” ou “aprendi com ela”. Esse gesto discursivo não apenas reforça a popularidade da personagem, mas também reconfigura o erotismo feminino como linguagem de poder. Ao transformar o homem em objeto de consumo, Odete inverte a lógica da objetificação e desloca o lugar do desejo. Essa recepção contrasta com a moralização observada em outras personagens, pois mesmo em situações passíveis de condenação, como a traição, predominam comentários de aprovação ou humor, como “essa vingou todas” e “tá certíssima”. Em vez de punição discursiva, observa-se a celebração da transgressão.

No entanto, essa suspensão não implica ruptura estrutural. A legitimação do prazer de Odete parece depender de sua posição narrativa como vilã, figura que, no melodrama, é autorizada a transgredir. Essa condição revela um paradoxo central: o prazer feminino é aceito

não como direito universal, mas como exceção narrativa. Trata-se de um jogo de forças no qual o poder não apenas reprime, mas também organiza os espaços em que a transgressão pode ocorrer (Foucault, 1976). A sexualidade de Odete é legitimada porque está circunscrita ao campo da anormalidade controlada.

Ao mesmo tempo, os comentários evidenciam fissuras nesse regime. Quando usuárias afirmam “queria ser assim” ou “inspiração”, produzem deslocamentos que tensionam as normas de gênero. Conforme propõe Judith Butler (2014), o gênero se sustenta pela repetição, mas está sempre aberto a reinterpretações subversivas. Nesse caso, o humor funciona como dispositivo de resistência: ao rir com a personagem, e não dela, o público reinscreve o prazer feminino como possibilidade de autonomia.

**Figura 4:** Comentários do público sobre cena de infidelidade envolvendo Odete Roitman no Perfil Gshow no TikTok



Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

Do ponto de vista do erotismo, a personagem se aproxima da noção de transgressão proposta por Bataille (1987), na medida em que seu desejo opera no limite das normas, produzindo fascínio e deslocamento. No entanto, diferente de outras figuras femininas, essa transgressão não é punida, mas estetizada e celebrada. A análise netnográfica revela, portanto, que Odete funciona como uma figura de exceção que reorganiza temporariamente os sentidos do prazer feminino. Sua recepção evidencia que o público é capaz de legitimar a autonomia

sexual das mulheres, mas ainda a associa a posições narrativas específicas, como a vilania, mantendo intactos os limites estruturais da norma.

### Considerações finais

O presente estudo analisou como as normas de gênero operam na produção e regulação do prazer sexual feminino, a partir da articulação entre as representações da telenovela Vale Tudo (2025) e sua recepção nas redes sociais. Os resultados evidenciam alguns paradoxos: enquanto Heleninha é associada à desordem e ao descontrole, Leila expressa ambivalências entre autonomia e julgamento moral; Maria de Fátima articula desejo, poder e vigilância, sendo simultaneamente admirada e moralizada, especialmente em função de marcadores como raça e classe; e Odete Roitman configura um regime de exceção, no qual o prazer feminino é autorizado quando circunscrito à figura da vilã, revelando que a liberdade sexual das mulheres ainda depende de posições narrativas específicas.

Nesse sentido, os achados dialogam com pesquisas em Comunicação que compreendem os produtos midiáticos como centrais na produção de sentidos e do imaginário social. Como apontam Santos et al. (2025), a mídia não apenas representa a realidade, mas contribui para sua construção simbólica, especialmente em experiências marcadas por desigualdades de gênero e raça. Assim, a telenovela como narrativa ficcional seriada (Lopes, 2004), pode ser compreendida como uma pedagogia cultural que ensina, regula e disputa significados sobre o corpo, o desejo e a feminilidade (Hamburger, 2007; Baccega; Rocha, 2016).

Ao articular narrativa ficcional e recepção digital, o estudo evidencia que os sentidos do erotismo feminino extrapolam a televisão, sendo continuamente (re)produzidos e disputados nas plataformas digitais. As redes sociais configuram-se como arenas de disputa, nas quais diferentes públicos interpretam e tensionam normas de gênero. Como indicado na análise, esses espaços não são homogêneos: suas dinâmicas sociotécnicas e lógicas de visibilidade produzem ecologias discursivas distintas, influenciando a interpretação do prazer feminino.

Outro aspecto relevante diz respeito à dimensão interseccional da recepção. A análise dos comentários evidenciou que a legitimidade atribuída ao erotismo das personagens femininas foi frequentemente atravessada por marcadores como raça, classe e posição social. A maior aceitação do prazer de personagens como Odete, em contraste com a Maria de Fátima, mostra que o desejo feminino não é apenas generificado, mas também racializado. Esse achado reforça a necessidade de aprofundamento de análises que articulem gênero e raça no estudo da mídia, ampliando a compreensão das desigualdades que estruturam o imaginário social.

Do ponto de vista teórico-metodológico, o uso da netnografia associado à Análise de Discurso mostrou-se potente para compreender a circulação contemporânea de sentidos. Tal abordagem permitiu avançar no campo ao evidenciar que o público não é apenas receptor, mas também produtor de sentidos, participando ativamente da regulação e, em alguns casos, da contestação das normas de gênero. Como limitação, destaca-se que a pesquisa adotou abordagem observacional, sem interação direta com os participantes, restringindo-se aos discursos publicamente disponibilizados nas plataformas analisadas. Embora não tenha sido possível identificar individualmente sexo, idade ou outras características sociodemográficas dos usuários, reconhece-se que cada plataforma possui perfis predominantes de utilização, o que pode influenciar os modos de interação e os discursos produzidos.

À luz do referencial, os resultados deste estudo reforçaram a compreensão da sexualidade feminina como uma produção discursiva e histórica, e não como expressão natural do corpo. Foucault (1976) argumenta que o poder não apenas reprime, mas produz regimes de verdade que definem quais formas de desejo são legítimas, inteligíveis e socialmente aceitáveis. Essa perspectiva é aprofundada por Butler (2014), ao evidenciar que o gênero se constitui por meio da repetição normativa de práticas que regulam os corpos e delimitam suas possibilidades de existência. No corpus analisado, observa-se que os sentidos atribuídos ao prazer feminino permanecem frequentemente condicionados a essas normas. Ao mesmo tempo, como indica Simone de Beauvoir (1970), a posição histórica da mulher como “Outro” contribui para a deslegitimação de sua autonomia sexual, enquanto a noção de erotismo como transgressão, proposta por Georges Bataille (1987), permite compreender por que o desejo feminino, quando afirmado, ainda mobiliza fascínio ou punição.

Em síntese, este estudo reafirma que o prazer sexual feminino permanece como território de disputa, no qual normas, resistências e contradições coexistem. Ao evidenciar como esses sentidos são produzidos e negociados entre mídia e público, o artigo contribui para o avanço dos estudos em Comunicação, ao demonstrar que compreender a sexualidade feminina implica analisar não apenas suas representações, mas também os dispositivos que regulam sua inteligibilidade social. Assim, mais do que examinar uma narrativa ficcional, esta pesquisa evidencia os modos pelos quais o desejo feminino é produzido e disputado discursivamente no universo investigado.

## Referências

ARAUJO, R. F.; TRAVIESO-RODRIGUEZ, C.; SANTOS, S. R. O. Comunicação e participação

política no facebook: análise dos comentários em páginas de parlamentares brasileiros. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 27, n. 2, 2017.

BACCEGA, Maria Aparecida; ROCHA, Camilla Rodrigues Neto. Os Meios de Comunicação e a Figura da Mulher: uma reflexão sobre a personagem Clara da telenovela Em Família. **Cuestiones de Género: de la igualdad y la diferencia**, [S. l.], n. 11, p. 443–456, 2016. DOI: 10.18002/cg.v0i11.3596. Disponível em: <https://revpubli.unileon.es/index.php/cuestionesdegenero/article/view/3596>. Acesso em: 1 mai. 2026.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação e educação: a construção do campo**. São Paulo: Paulus, 2005.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Televisão e educação: mediações**. São Paulo: Paulus, 2022.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Rio de Janeiro: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Lisboa: Antígona, 1987.

CASSAL, Luan Carpes Barros; GONZALEZ, Aline Monteiro Garcia; BICALHO, Pedro Paulo Gastalho. Psicologia e o dispositivo da sexualidade: biopolítica, identidades e processos de criminalização. **Psico**, [S. l.], v. 42, n. 4, 2012. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistapsico/article/view/8600>. Acesso em: 1 mai. 2026.

DEL PRIORE, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1976.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 4: as confissões da carne**. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

GREGORI, M. F.. Relações de violência e erotismo. **Cadernos Pagu**, n. 20, p. 87–120, 2003.

HAMBURGER, E. I.. A expansão do "feminino" no espaço público brasileiro: novelas de televisão nas décadas de 1970 e 80. **Revista Estudos Feministas**, v. 15, n. 1, p. 153–175, jan. 2007.

JORGE, Marina Soler. Mulheres em um mundo de homens: representação feminina em Narcos e a ilusão da ficção seriada “universal”. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 29, n. 1, e67486, jan. 2021. Disponível em <[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2021000100202&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2021000100202&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 30 abr. 2026. Epub 01-Jan-2021. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n167486>.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso, 2014.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo. Televisões, nações e narrações: para uma revisão das identidades culturais em tempos de globalização. **Revista USP**, n. 61, p. 30-39, 2004.



MAIA, Aline Silva Correa. Telenovela Projeção, identidade e identificação na modernidade líquida. **E-Compós**, [S. l.], v. 9, 2007. DOI: 10.30962/ec.174. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/174>. Acesso em: 30 abr. 2026.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2012.

PASSOS, L.; SOUZA, L.. Vulnerabilidades cruzadas: as mulheres e suas experiências diversificadas. **Revista Katálysis**, v. 24, n. 1, p. 198–209, jan. 2021.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: UNICAMP, 1995.

ROCHA, Everardo; NIEDERAUER, Maria; FARIAS, Edson. **Representações do consumo**: estudos culturais e comunicação. Rio de Janeiro: Mauad, 2009.

RONSINI, Veneza; SILVA, Renata Córdova. Mulheres e telenovela: a recepção pela perspectiva das relações de gênero. **E-Compós**, [S. l.], v. 14, n. 1, 2011. DOI: 10.30962/ec.519. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/519>. Acesso em: 30 abr. 2026.

SANTOS, T. C.; LOPES, F.; ARANHA, M.; MATTOS, G. Documentário A Dona do Terreiro: uma perspectiva interseccional. **Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, [S. l.], v. 24, n. 52, p. e024015, 2025. DOI: 10.5902/2175497789012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/89012>. Acesso em: 1 mai. 2026.

SILVA, Renata Maldonado. Percursos históricos da produção do gênero telenovela no Brasil: continuidade, rupturas e inovações. **Conexão - Comunicação e Cultura**, [S. l.], v. 11, n. 21, 2013. Disponível em: <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/1364>. Acesso em: 1 mai. 2026.

*Recebido em:* 02/05/2026

*Aceito em:* 03/07/2026